



Turismo Pedagógico: busca por novos significados para a escola

Pedagogical Tourism: search for new meanings to school

Emanuelle Rodrigues¹
Kerley dos Santos Alves²

1 Turismóloga pela Universidade Federal de Ouro Preto (DETUR-UFOP). Contato: emanuellerodrigues7@gmail.com.

2 Professora Assistente do Departamento de Turismo da Universidade Federal de OUro Preto (DETURO-UFOP). Contato: kerleysantos@yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho apresenta o Turismo como uma ferramenta que pode servir à educação no que tange o Turismo Pedagógico. Tem como objetivo entender a inserção desse como uma nova possibilidade pedagógica na relação ensino-aprendizagem. Nesse sentido, a percepção de três educadoras que participaram de um projeto de extensão intitulado “Turismo Pedagógico na Escola: Uma porta aberta para a educação inclusiva” contribuiu para as análises e discussões que se fazem presentes. Por fim, constatou-se que o Turismo é visualizado pelas educadoras participantes do projeto como uma ferramenta pedagógica. Ainda que uma das entrevistadas o veja como um meio e não uma disciplina, entende que possibilita um aprendizado diferenciado e participativo, necessitando estar alinhado a outros conteúdos do currículo base, para que sua inserção no espaço escolar se justifique.

Palavras-chave: Turismo Pedagógico, Escola, Educação Contemporânea, UFOP.

Abstract

This paper presents the tourism as a tool that can serve to education regarding the Pedagogical Tourism. Aims to understand like a new educational opportunity in the teaching-learning relationship. In this way, the perception of three educators who participated in an extension project entitled “Turismo Pedagógico na Escola: Uma porta aberta para a educação inclusiva” contributed to the analyzes and discussions that are present. Finally, it was found that tourism is viewed by teachers participating in the project as a teaching tool. Although one of the interviewers see as a means and not a discipline, believes that enables a differentiated and participatory learning, needs to be aligned to the content of the curriculum basis, so that their inclusion in the education space be justified.

Keywords: Pedagogical Tourism, School, Contemporary Education, UFOP.

1. Introdução

O turismo é um fenômeno contemporâneo multifacetado, que impacta e é impactado pelos ambientes, social, econômico, cultural e ecológico, de acordo com Beni³. Neste contexto, cada um dos ambientes permite o desenvolvimento de uma tipologia específica de turismo. Ademais, considera-se a motivação dos indivíduos para a prática turística como outro fator que pode contribuir para que mercados diferenciados surjam, tais como turismo de Lazer, de Negócios, de Aventura, Cultural, Religioso, de Sol e Praia, dentre outros.

3 Análise Estrutural do Turismo. BENI, Mário Carlos. Análise Estrutural do Turismo. 7. ed. São Paulo: SENAC, 2002.

Nesta perspectiva, outra tipologia surge da tendência de as pessoas se deslocarem em busca de conhecimento e aprimoramento intelectual, o Turismo Pedagógico, Turismo Educacional ou de Estudos e Intercâmbio. Este busca, em especial, as visitas técnicas e excursões inseridas no processo de ensino e aprendizagem.

Krippendorf⁴ apresenta uma pesquisa na qual elenca diferentes motivações para uma viagem e nota-se que, embora de maneira tímida, a busca por cultura por meio de viagens e passeios, já se observava desde a década de 1980.

O turismo com o foco educacional surgiu na Europa com os Grand Tours⁵, em que filhos de aristocratas viajavam a diversos países a fim de conhecer e experimentar diferentes culturas e idiomas. E em uma forma atualizada dessa tendência, tem-se o Turismo Pedagógico, uma vez que este “serve às escolas em suas atividades educativas que envolvem viagens.” (ITO, CASTRO e SILVA, s.d., p. irregular). Desse modo, é a tipologia de turismo que anda atrelada à educação a fim de dar-lhe nova forma.

O turismo pedagógico, [...] apesar de ser relativamente novo no Brasil, vem crescendo e ganhando espaço na academia. [...] envolve atividades relacionadas à educação, ao aprendizado e ao conhecimento, de forma a apresentar uma visão crítica e reflexiva da realidade. (BONFIM, 2010, p. 123)

Ele utiliza o que os espaços possuem para visualizar e aprimorar os conhecimentos alcançados em sala de aula. É o meio que permite a interação entre o teórico e o prático. Isso se confirma quando se compreende que

[...] o ambiente, como um todo, é um grande aliado no processo de aprendizagem, pois é o cenário onde tudo acontece, ou seja, onde o homem estabelece suas relações, interações e transformações. É, portanto, onde o discente se aproxima da realidade podendo vivenciar determinadas situações que se tornam experiências significativas. Neste sentido, as visitas técnicas se constituem em práticas capazes de desenvolver processos de ação, observação, reflexão, comprometimento, integração de forma concretizar a teoria-prática [...] (CARVALHO, VIEIRA e VIANA, 2012, p. 10-11)

Vê-se, portanto, que o turismo, com caráter educativo, ressurgiu de forma que a realidade educacional seja repensada e reformulada, buscando, por meio de novas

4 Sociologia do Turismo, para uma nova compreensão do lazer e das viagens. KRIPPENDORF, Jost. Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Tradução: Contexto Traduções. 2 ed. São Paulo: Editora Aleph. 2001. 183 p..

5 “O Grand Tour começou no século XVI, atingindo o auge no século XVIII. Era restrito principalmente aos filhos de famílias ricas, com propósitos educacionais, sobretudo de jovens recém-saídos de Oxford ou de Cambridge, [...] Esses jovens deveriam percorrer o mundo, ver como ele era governado e se preparar para ser um membro da classe dominante (BARBOSA, 2002, p. 31-32 apud SILVA e SILVA, s.d., p. 4).” Disponível a partir de <<http://www.aems.edu.br/conexao/educacaoanterior/Sumario/2012/downloads/2012/humanas/BREVE%20HIST%C3%93RICO%20DO%20TURISMO%20E%20UMA%20DISCUSS%C3%83O%20SOBRE%20A%20ATIVIDADE%20NO%20BRASIL.pdf>> acesso em 16 de jun. 2014.

práticas, um novo significado para as escolas, bem como para as relações estabelecidas nesse ambiente. Desse modo, é uma prática que amplia as possibilidades de ação no contexto escolar, uma vez que visa maior interação entre os sujeitos, e o faz por métodos diferenciados que fogem à rotina. Por conseguinte, pode ser capaz de alcançar resultados distintos e maximizados no desenvolvimento desses atores. Assim,

É a possibilidade de promover o desenvolvimento social, crítico e educativo que se justifica a utilização do turismo, enquanto atividade de lazer que serve ao ensino. Portanto, percebe-se uma nova concepção da atividade, uma vez que o espaço turístico se transforma em um espaço de educação extraclasse, contribuindo para auxiliar o processo de aprendizagem com uma nova prática pedagógica. (BONFIM, 2010, p. 123)

Nesse sentido, este trabalho é fruto de uma monografia de graduação que teve como objeto de pesquisa a percepção de professores de escolas **públicas** da cidade de Mariana em Minas Gerais; participantes do projeto de extensão “Turismo Pedagógico na Escola: uma porta aberta para a educação inclusiva” o qual compõe uma das ações do projeto “UFOP com a Escola”, da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX)⁶ da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) via edital Novos Talentos⁷, em parceria com a Superintendência Regional de Ensino de Ouro Preto, que abarca os municípios de Ouro Preto, Mariana, Itabirito, Diogo de Vasconcelos e Acaiaca – Região dos Inconfidentes -, Minas Gerais.

2. A educação na contemporaneidade – o desafio da ressignificação escolar

A educação brasileira apresenta diferentes fases e protagonistas. Ao longo de toda a história, desde o descobrimento até os presentes dias, as ações, políticas e metodologias utilizadas para conduzir o ensino brasileiro se fazem centro de discussões.

Segundo Bello (2001, p. 1) “A História da Educação Brasileira não é uma História difícil de ser estudada e compreendida. Ela evolui em rupturas marcantes e fáceis de serem observadas.” Contudo, um aspecto ecoa nessas rupturas desde os primeiros momentos até os dias atuais: o desencontro entre as ações implementadas e o público alvo de tais ações. E isso se acentua sobremaneira na sociedade pós-moderna.

Nessa perspectiva, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) em 1996, mudanças significativas foram observadas quanto à prática educacional no Brasil.

6 Pro-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Ouro Preto. <<http://www.proex.ufop.br/>>

7 033/2010 Capes /DEB nos anos de 2011 e 2012.

Este fato coincide com a chegada do século XXI, momento no qual o mundo passou por transformações intensas e rápidas, tais como o incremento da industrialização; explosão das tecnologias; urbanização; alterações nas formas de trabalho, na produtividade, nas aglomerações humanas, nos meios de comunicação, circulação e consumo da cultura, dentre outras.

Essas modificações, por sua vez, implicaram outro fenômeno da sociedade pós-moderna⁸: a diversidade e o desafio de se lidar com ela. E este desafio é ainda mais significativo nas instituições de ensino, onde, segundo Bonfim (2010), deve-se “educar para a diversidade”.

Entende-se por diversidade, a pluralidade cultural, comportamentos, costumes, éticas, valores e conceitos diversos, inerentes à sociedade. Para a Organização das Nações Unidas - UNESCO,

Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras. (UNESCO, 2002)

Destarte, Fabris (s. d.) no trabalho, “A escola contemporânea: um espaço de convivência?”, discute o papel da escola na sociedade pós-moderna. Para a autora, cada sociedade, em cada período de tempo possui suas especificidades e as escolas, por sua vez, ainda vistas como instituição responsável pela transmissão de conhecimentos e valores, se configuram em um espaço onde essas especificidades são observadas e convidadas.

Assim, observadas as mudanças advindas com o século XXI e ao admitir que a cada ano os alunos que chegam às escolas são reflexo dessas modificações, Missio e Cunha (2006) esclarecem que

[...] a sociedade não se apresenta mais no modelo sólido e estruturado do qual concebia a sociedade na época da elaboração e construção

⁸ “A título de delimitação, [...], pode-se dizer que a sociedade pós-industrial nasceu com a Segunda Guerra Mundial, a partir do aumento da comunicação entre os povos, com a difusão de novas tecnologias e com a mudança da base econômica. Um tipo de sociedade já não baseada na produção agrícola, nem na indústria, mas na produção de informação, serviços, símbolos (semiótica) e estética. A sociedade pós-industrial provém de um conjunto de situações provocadas pelo advento da indústria, tais como o aumento da vida média da população, o desenvolvimento tecnológico, a difusão da escolarização e difusão da mídia. [...] se diferencia muito da anterior [...]. Antes era a padronização das mercadorias, a especialização do trabalho, agora o que conta é a qualidade da vida, a intelectualização e a desestruturalização do tempo e do espaço, ou seja, fazer uma mesma coisa em tempos e lugares diferentes (simultaneidade).” LUCCI, Elian Alabi. A Era Pós-Industrial, a Sociedade do Conhecimento e a Educação para o Pensar. 2008. Disponível a partir de < <http://www.del.ufrj.br/~fmello/eraposindustrial.pdf> > acesso em 07 Ago 2013.

da escola. Mas a escola mantém a mesma estrutura e os mesmos preceitos daquela época. E este desencontro da escola com a sociedade está interferindo intensamente as relações que se estabelecem dentro e fora dela. (MISSIO e CUNHA, 2006, p. 2)

Entende-se, portanto, que os autores abordam uma questão que traduz um desafio para as escolas contemporâneas ou pós-modernas. A “defasagem” de seus métodos frente aos alunos que a cada ano chegam às escolas com demandas diferenciadas. Bonfim (2010) ao citar Demo (1999) elenca algumas questões que colaboram para essa discrepância:

- a) A escola, sobretudo a pública, restringe-se ao mero repasse copiado, deixando o aluno na posição de objeto de ensino, cujo resultado é simples aprendizagem;
- b) Nesta aprendizagem, tudo tende a ser mal feito, acrescentando-se vazios cumulativos nos espaços ditos modernos;
- c) O aluno, a par de saber pouco, o que sabe é inadequado para instrumentá-lo como sujeito de processo de mudança;
- d) Não temos ainda sedimentada a necessidade vital de atualização constante, nem nos professores, o que repercute no envelhecimento inevitável em termos de domínio do saber estratégico. (Demo apud BONFIM, 2010, p.117)

Dessa forma, a escola torna-se “anacrônica”, e os significados e sentidos propostos e almejados por suas ações, não são bem assimilados pelos alunos. Isto evidencia, mais uma vez, o desencontro entre os métodos das escolas contemporâneas, que segundo Libâneo (2005) e Missio e Cunha (2006) permanecem, em sua maioria, de acordo com os métodos das escolas modernas, com os alunos oriundos da sociedade pós-moderna.

Assim, Missio e Cunha (2006) ressaltam que:

A necessidade de compreender a função da escola neste século XXI nos remete à busca dos significados e dos sentidos que o sistema educativo tem – ou deveria ter – diante da formação das novas gerações. Esta compreensão se torna fundamental quando percebemos que a escola se mantém de maneira tenaz, impondo certos modos de conduta, de pensamento e de relações próprias, independente das mudanças que ocorrem na sociedade; o que a torna desinteressante para a grande demanda de estudantes que são obrigados a frequentá-la diariamente. (MISSIO e CUNHA, 2006, p. 6)

Após essa discussão, o que será necessário para que as escolas se reinventem e consigam se “ressignificar” frente aos seus alunos e à sociedade como um todo? Para Paim e Frigério (s.d.) “A escola é o lugar em que todos os alunos devem ter as mesmas oportunidades, mas com estratégias de aprendizagens diferentes”.

De acordo com Libâneo (2005) os espaços destinados à educação contribuem

pouco para suprir as falhas já apresentadas. Para o autor, a função essencial desses locais, que é o “desenvolvimento cognitivo dos alunos”, fica em segundo plano e corre-se risco ao adotarem medidas, tais como eliminação da organização em séries, “promoção automática”, “integração de alunos portadores de necessidades especiais”, avaliação escolar flexibilizada e “a transformação da escola em mero espaço de vivência de experiências socioculturais.” (LIBÂNEO, 2005, p. 2)

Libâneo (2005) sugere uma resposta à questão abordada anteriormente quando admite que apenas se vislumbram mudanças quando a comunidade escolar como um todo e estudiosos da educação compreenderem que

escola existe para formar sujeitos preparados para sobreviver nesta sociedade e, para isso, precisam da ciência, da cultura, da arte, precisam saber coisas, saber resolver dilemas, ter autonomia e responsabilidade, saber dos seus direitos e deveres, construir sua dignidade humana, ter uma auto-imagem positiva, desenvolver capacidades cognitivas para apropriar-se criticamente dos benefícios da ciência e da tecnologia em favor do seu trabalho, da sua vida cotidiana, do seu crescimento pessoal. (LIBÂNEO, 2005, p. 3, grifo do autor).

Bonfim (2010) compartilha do mesmo conceito utilizado por Libâneo (2005) quando reconhece a necessidade de novos métodos de ensino que traduzam nas escolas as modificações na sociedade e que possa relacioná-las aos conteúdos. Leão (1999), neste mesmo caminho, salienta que

É vital que a escola reconheça nessa construção do conhecimento infantil que as concepções das crianças [...] combinam-se às informações provenientes do meio. Assim, o conhecimento não é concebido apenas como espontaneamente descoberto pela criança, nem como mecanicamente transmitido pelo meio exterior ou pelo adulto, mas como resultado dessa interação na qual o indivíduo é sempre ativo. (LEÃO, 1999, p. 201).

Desse modo, no sentido em que se necessita de uma nova forma de “apresentar” a escola ao aluno, de trazê-lo para o espaço educacional, o “Construtivismo”, suscitado por Leão (1999), surge como uma opção de ressignificação dessa escola.

Para Libâneo (2005), o Construtivismo

[...] refere-se a uma teoria em que a aprendizagem humana é resultado de uma construção mental realizada pelos sujeitos com base na sua ação sobre o mundo e na interação com outros. O ser humano tem uma potencialidade para aprender a pensar que pode ser desenvolvida porque a faculdade de pensar não é inata e nem é provida de fora. (LIBÂNEO, 2005, p. 12).

Contudo, não se pode esquecer que entre a escola e o aluno encontram-se os educadores. Nesse sentido, qual seria o papel do educador frente a esses desafios

das instituições de ensino? Para Libâneo (2005)

A tarefa crucial dos pesquisadores e dos educadores profissionais preocupados com o agir pedagógico está, portanto, em investigar constantemente o conteúdo do ato educativo, admitindo por princípio que ele é multifacetado, complexo, relacional. Sendo assim, educamos ao mesmo tempo para a subjetivação e a socialização, para a autonomia e para a integração social, para as necessidades sociais e necessidades individuais, para a reprodução e para a apropriação ativa de saberes, para o universal e para o particular, para a inserção nas normas sociais e culturais e para a crítica e produção de estratégias inovadoras. (LIBÂNEO, 2005, p. 4).

Desse modo, o professor, além de ministrar os conteúdos necessários ao ensino ainda precisa articular conceitos que traduzam as especificidades da comunidade exterior à escola. Precisa proporcionar ao educando um desenvolvimento escolar e para a vida. Como apontado por Bonfim (2010), o educador é um sujeito que deve agir com “atitude de pesquisa”, como instigador de novos olhares e conseqüentemente, uma ação mais crítica e criativa. O papel do professor não é meramente de expositor, como nas tendências modernas e tradicionais, mas sim de “provocador”, levando os educandos a se questionarem e produzirem conhecimento. Para Leão (1999) o professor é um mediador, um facilitador das relações entre “os alunos e entre eles e seus alunos”. (LEÃO, 1999, p. 201). Logo, ele é um dos agentes principais de mudança dessa pedagogia defasada.

Contudo, os educadores diariamente convivem num ambiente repleto de “perplexidades, crises, incertezas, pressões sociais e econômicas, relativismo moral, dissoluções de crenças e utopias.” (LIBÂNEO, 2005, p. 1). Isso aponta que as discussões que tangenciam as dissonâncias no espaço educativo são muito complexas e devem ser analisadas com significativa atenção.

[...] temos procurado firmar, através da ideia de contemporaneidade, um interesse de investigação dos processos educativos, sociais, políticos, econômicos e ambientais que expressem a superação dos paradigmas da modernidade, pela construção de novos horizontes marcados pelo compromisso com a vida, com a ética estribada na consciência moral dos indivíduos e com uma vivência harmoniosa entre os diferentes. (NASCIMENTO e HETKOWSKI, 2009, p. 7).

Nesse sentido, há que se considerarem todos os atores e ambientes que circundam a educação brasileira atual. Dessa forma, uma nova didática que preveja a diversidade, considere a sabedoria de educadores, educandos e toda comunidade escolar e os entenda como agentes, urge nas escolas contemporâneas. Nesta perspectiva, entendendo que o turismo e a sociedade se comunicam numa influência mútua, acredita-se que aquele tem a capacidade de auxiliá-la no sentido em que entende (ou identifica)

e reflete seus problemas e desafios, propondo novas possibilidades para modificar a realidade detectada. Assim, o turismo surge como uma oportunidade de repensar e ressignificar o ambiente educacional, bem como as relações de ensino aprendizagem e as relações estabelecidas entre alunos e educadores.

3. Educadores e metodologias de ensino – Turismo na escola: um desafio

A busca por maneiras de facilitar a prática docente, para educadores e alunos, implica metodologias que melhor traduzam nas escolas os novos cenários que se apresentam, e que estabeleçam relações de respeito e diálogo entre os sujeitos. Nesta perspectiva, o desafio já exposto, é o de possibilitar o aprendizado participativo a partir de novas metodologias de ensino, preocupando-se em saber como lidar com estes instrumentos.

Ademais, é importante sublinhar que seja em uma pedagogia tradicional, conservadora ou inovadora, se o professor é comprometido e sério com sua função de educar, há um ponto em que estes se aproximam: “ambos têm que ensinar e saber o que ensinam.” (FREIRE, 1989, p. 51)

O professor precisa ter conhecimento e saber como apresentá-lo aos seus alunos de forma segura e que tenha como premissa o diálogo. Freire (s.d. (1), p. 147) sugere que “O diálogo entre professoras ou professores e alunos ou alunas não os torna iguais, mas marca a posição democrática entre eles ou elas.” (FREIRE, s.d. (1), p. 147). Logo, as relações assim estabelecidas nas salas de aula favorecem a proliferação de metodologias outras que não apenas repassem sistematicamente conteúdos compartimentados.

Portanto, “A autoridade coerentemente democrática, está convicta que a disciplina verdadeira não exista na estagnação, no silêncio dos *silenciados*, mas no alvoroço dos *inquietaos*, na dúvida que instiga, na esperança que desperta.” (FREIRE, s.d. (2), p. 129, grifo do autor). Esta “esperança que desperta” é um dos princípios do método de Paulo Freire⁹ que pretende uma educação “libertadora”, “emancipatória” para as escolas.

Para Freire, uma educação popular e verdadeiramente libertadora, se constrói a partir de uma educação problematizadora, alicerçada em perguntas provocadoras de novas respostas, no diálogo crítico, libertador, na tomada de consciência de sua condição existencial. Tal

9 “Paulo Reglus Neves Freire, educador brasileiro. Nasceu no dia 19 de setembro de 1921, no Recife, Pernambuco. Por seu empenho em ensinar os mais pobres, Paulo Freire tornou-se uma inspiração para gerações de professores, especialmente na América Latina e na África. Pelo mesmo motivo, sofreu a perseguição do regime militar no Brasil (1964-1985), sendo preso e forçado ao exílio. O educador apresentou uma síntese inovadora das mais importantes correntes do pensamento filosófico de sua época, como o existencialismo cristão, a fenomenologia, a dialética hegeliana e o materialismo histórico. Essa visão foi aliada ao talento como escritor que o ajudou a conquistar um amplo público de pedagogos, cientistas sociais, teólogos e militantes políticos. [...] Doutor Honoris Causa por 27 universidades, Freire recebeu prêmios como: Educação para a Paz [...] e Educador dos Continentes [...]” Disponível a partir de <http://pensador.uol.com.br/autor/paulo_freire/biografia/> acesso em 19 ago. 2013.

investigação Freire chamou de “universo temático”, um conjunto de “temas geradores”¹⁰ sobre os níveis de percepção da realidade do oprimido e de sua visão de mundo sobre as relações homens-mundo e homens-homens para uma posterior discussão de criação e recriação. (LINHARES, s.d., p. 10142).

Pelo exposto, entende-se que os educadores não têm que se preocupar em possibilitar aos seus alunos respostas prontas, mas sim estimular que as perguntas surjam para, por meio das metodologias “emancipatórias”, apenas conduzirem a busca das respostas de forma conjunta. Estimular a pesquisa na sala de aula é expressivo, quando se refere a metodologias que permitem uma integração maior dos alunos com os professores, bem como com os conhecimentos estudados. Assim,

[...] a pesquisa é entendida como processo de busca, ou seja, um colocar-se diante das coisas de maneira ativa, criticamente questionadora, sendo possível construir e ou reconstruir conhecimento, frente ao desafio de “intervir para humanizar eticamente, usando como instrumento crucial conhecimento inovador, com qualidade formal e política”, [...] (DEMO, 1995, p. 20 *apud* CRUZ, 2011, p. 37).

Nesta perspectiva, Freire sugere uma postura de educação de forma comprometida e respeitosa frente aos alunos. Os educadores, para Freire, jamais devem assumir posição autoritária e “arrogante”. Sua metodologia propõe a relação ensino aprendizagem pautada pelo diálogo entre professores e alunos e entre os alunos.

Ademais, ao tratar o conceito de “esperança” na educação aconselha que as práticas e relações educacionais, por mais conflituosas e carentes de transformação devem ser encaradas com otimismo. Para o autor, de acordo com Gadotti (2001, p. 79) “[...] educar é conhecer, é ler o mundo para poder transformá-lo, [...]” Neste sentido, “Como projeto, a educação precisa *reinstalar a esperança*. Nada mais atual do que esse pensamento, em uma época em que muitos educadores vivem alimentados mais pelo desencanto do que pela esperança”. (GADOTTI, 2001, p. 85, grifo do autor).

Dessa forma, a partir da pedagogia da esperança de Paulo Freire propõe-se uma ressignificação para o professor frente às metodologias de ensino que se pretendem “emancipatórias”. Pode-se pensar a educação como algo que deve se transformar e proporcionar o desenvolvimento discente, onde o próprio aluno contribui para isto e o professor é o facilitador de tal processo. “Paulo Freire traz para a realidade escolar, o pensar educação. Permite o reencontro com a esperança de um trabalho comprometido, responsável. Possível, se emanado no coletivo escolar.” (SCHRAM e CARVALHO, s.d., p. 18). Entende-se que:

10 “[...] o tema gerador é o tema ponto de partida para o processo de construção da descoberta. Por emergirem do saber popular, os temas geradores são extraídos da prática de vida dos educandos, substituem os conteúdos tradicionais e são buscados através da “pesquisa do universo vocabular”.” (TOZONI-REIS, 2006, p. 103)

Em sua essência, ser professor hoje não é nem mais difícil nem mais fácil do que era algumas décadas atrás. É diferente. Diante da velocidade com que a informação se desloca, envelhece e morre, diante de um mundo em constante mudança, seu papel vem mudando, senão na essencial tarefa de educar, pelo menos na tarefa de ensinar, [...] de conduzir a aprendizagem e na sua própria formação que se tornou permanentemente necessária. (GADOTTI, 2007, p. 63-64)

Gadotti (2007) assim sugere que os professores precisam estar sempre se atualizando para que possam permanecer em diálogo com seus educandos. Temas, métodos e metodologias contemporâneos precisam adentrar as escolas para que se renove o desejo de ensinar e aprender, e para que o processo ensino aprendizagem permaneça significativo. Neste contexto, inicia-se uma discussão onde se apresenta o turismo como uma dessas metodologias, que permite o estudo dos lugares, dos espaços, favorecendo uma interrelação entre as pessoas e o ambiente. De forma a garantir aos sujeitos dessa prática uma “observação e uma experiência na paisagem de forma eficaz.” Capacitando esses atores a “descrever” o meio onde convivem e passar a ser “estimulados a refletir sobre as desigualdades e injustiças,” entender problemáticas e “propor mudanças na sociedade no sentido de saná-las.” (SOARES, 2010, p. 28).

O Turismo, assim, pode ser encarado como uma metodologia contemporânea que pretende fornecer novos ares à motivação de educadores e educandos, no que concerne a prática educativa.

4. O Turismo Pedagógico como metodologia de ensino – Uma possibilidade

Na busca por lugares que sirvam à educação, que transcendam o mero repasse de informações, proporcionando uma ação de educar mais participativa e libertária, caminha-se no sentido de alinhar estes dois pressupostos: “novos espaços educacionais” e um “educar participativo”. Para tanto, é preciso entender o que aproxima educação de espaço, possível a partir da compreensão dos conceitos de educação: “formal”, “informal” e “não-formal”.

A educação formal é “A educação com reconhecimento oficial, oferecida nas escolas em cursos com níveis, graus, programas, currículos e diplomas, [...]” (GASPAR, s.d., p. 171). Já a educação informal surge do costume dos indivíduos estarem constantemente produzindo conhecimentos e ensinando coisas às gerações mais novas. Por sua vez, a educação não-formal “[...] é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Ademais, os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir um sistema seqüencial e hierárquico de “progressão”.” (GADOTTI, 2005, p. 2).

Assim, compreende-se que uma educação sem “amarras” e espontânea, contribui para uma aprendizagem ampliada. Logo, o Turismo Pedagógico, materializa a educação não-formal, uma vez que em locais cotidianos, ou não, favorece construir e apreender conhecimento e informação, contribuindo para a construção do conhecimento de maneira participativa, lúdica e divertida.

Na intersecção entre as atividades pedagógicas voltadas o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, afetivos e sociais dos alunos com as atividades lúdicas e de entretenimento, próprias dos passeios e das viagens, reside o espaço do Turismo Pedagógico. É o espaço da aprendizagem feita com prazer, mas não é aquele prazer típico da alienação, é o prazer que é fruto da ampliação do conhecimento, do esclarecimento, da convivência e do lúdico. (VINHA *et al*, 2005, p. 15)

Na perspectiva de utilização de espaços não formais para a educação é que caminham as ações do projeto Turismo Pedagógico na Escola: Uma porta aberta para a educação inclusiva. Pois, objetivou-se fornecer aos educadores, possibilidades de construir o conhecimento de forma mais agradável e democrática, utilizando de todos os lugares e oportunidades que as cidades, como espaços educacionais, possuem. Destarte, nas entrevistas feitas com três educadoras participantes do projeto, diversos pontos que aproximam turismo de uma prática educativa significada são destacados nos depoimentos.

“[...] o turismo você sai do teórico e vai pro prático, prazer em ver, né?” (E2, informação verbal, grifo nosso)¹¹

Bonfim (2010) corrobora com a exposição da educadora E2 quando afirma que

É importante evidenciar que para o turismo pedagógico alcançar os objetivos do projeto pedagógico da escola, torna-se necessário apresentar aos alunos um sentido significativo às aulas extraclasse, entendendo-as como uma perspectiva ampla de compreensão da realidade, através de referências reais e palpáveis. (BONFIM, 2010, p. 125).

Dessa forma, as educadoras vislumbram o Turismo Pedagógico como uma forma de relacionar os conteúdos com a prática por meio de uma metodologia que permite a experimentação, a vivência. Para Raykil e Raykil (2004, p. irregular), “[...] o turismo pedagógico contribui sobremaneira no processo ensino-aprendizagem, ou seja, o vivenciar através das viagens de estudo propiciam o aprendizado efetivo.” A fala da educadora E1 explicita o que os autores apontaram.

“Acho que a gente consegue encaixar outras coisas... Vai ensinar, vamos supor literatura. Tem a literatura que é específica, padrão. Aquela matéria que você tem que dar e aí você consegue e acaba encaixar alguma coisa diferente, lúdica né? Para despertar o aluno.

¹¹ Entrevistas realizadas no período de 18 a 31 de Jul. 2013.

Acho que isso fica mais fácil fazer essa ponte entre uma teoria e uma ação.” (E1, informação verbal, grifo nosso)¹²

De acordo com o exposto, sugere-se que o Turismo Pedagógico permite uma forma mais facilitada de entrelaçar teoria e prática, favorecendo as relações ensino-aprendizagem. Ademais, as professoras assinalam que o planejamento da atividade é uma etapa importante e necessária para que, de fato, as ações formatadas pela via do Turismo Pedagógico ofereçam as contribuições que lhes são próprias.

Assim, esta pesquisa aponta para um movimento que pretende uma educação mais participativa e que o Turismo Pedagógico pode contribuir para isso. Contudo, sinaliza para o imperativo de novos estudos, a fim de corroborar com o que foi observado.

“Trabalhar aquele conteúdo depois mostrar na prática como tudo aconteceu. Não trabalhar aleatoriamente, não visitar por visitar.” (E2, informação verbal, grifo nosso).

Neste sentido, Bonfim (2010) aponta que

É preciso planejar muito bem a atividade, para que esta não perca seu caráter prioritariamente educativo, pois longe de ser uma excursão, busca-se a organização de situações de aprendizagem que ultrapassem os limites do saber escolar, se fortalecendo na medida em que ganha a amplitude da vida social, tornando o conhecimento pertinente e contextualizado. (BONFIM, 2010, p. 125)

Entende-se, portanto, que toda ação que busque produzir conhecimento por meio de passeios, visitas, trabalho de campo, roteiros, enfim, componentes que também compõem práticas turísticas, se planejadas e refletidas à luz de conhecimentos outros, o alcance dessa ação é maximizado, ao passo que além de produzir saber, permite uma interação entre os alunos e professores.

“Como foi usar o turismo? Foi bom né? Bom por que assim, é uma ferramenta a mais, igual eu já falei. E é uma ferramenta que pode divertir né? [...] Apesar de que a gente tava aprendendo e tudo mais, mas é divertido.” (E3, informação verbal, grifo nosso)¹³

Conclui-se, portanto, que o Turismo Pedagógico busca no direcionamento de ações pedagógicas que se pretendam inovadoras, promover um saber ampliado. E entende-se por ampliação do saber, a provocação e produção de diversas formas de conhecimento. Assim, “Sua preocupação básica centra-se na melhor maneira de conduzir a atividade educativa, de forma a alcançar **finalidades pedagógicas**, por meio da **experiência turística na cidade** em que estamos inseridos.” (ALVES *et al*, 2012, p.74, grifo nosso)

12 Entrevistas realizadas no período de 18 a 31 de Jul. 2013.

13 Entrevistas realizadas no período de 18 a 31 de Jul. 2013.

Em outro sentido, no que tange a relação entre as ações pedagógicas com os espaços ou “experiências” turísticas, visualiza-se outra contribuição que o Turismo Pedagógico pode proporcionar aos alunos, que é o pertencimento advindo da compreensão dos próprios educandos como sujeitos integrantes de um espaço uno e não setorizado.

É recorrente na literatura que questiona os impactos do turismo nas cidades e suas respectivas comunidades, a diferenciação entre “centro histórico” e bairros do entorno das cidades turísticas, bem como os moradores de ambos os locais. Onde estes não se reconhecem como moradores de um mesmo município. Entende-se assim, que há uma necessidade de se permitir que o aluno reconheça todos os espaços de sua cidade, de forma que se veja como um morador desta. Por sua vez, o Turismo Pedagógico possui aspectos que contribuem para este reconhecimento.

Nesta perspectiva, por meio de uma ação específica e interdisciplinar, uma educadora possibilitou este despertar para seus alunos. No excerto seguinte, a docente explica como foi usar o Turismo Pedagógico em sua prática, bem como salienta a conveniência de tal metodologia para a apreensão dos espaços da cidade.

E1: “[...] Por que eles [alunos] moram na cidade, mas assim, nem parece que mora né? Não conhece quase nada.”

Pesquisadora: Você fala em relação ao turismo da cidade? Não os espaços em si, mas o turismo mesmo.

E1: “Não o espaço. Vamos supor assim, eles moram em bairro, eles ficam só no bairro. É assim, quando você fala assim, “vamos no centro que é histórico”. Eles acham que estão até em outra cidade. Faz parte de outra cidade.[...] Aí você vai contando a história. [...] Leva eles para conhecerem as igrejas, eles nunca entraram na igreja...”
(E1, informação verbal)

Esta iniciativa da educadora é válida, no que tange questões de inclusão destes alunos no espaço turístico das cidades, pois, “[...] a implementação de projetos de turismo pedagógico, a organização de oficinas-escola e atividades lúdicas constituem ações de importância fundamental para o processo de envolvimento da população local.” (BRUSADIN, 2012, p. 88 in: ALVES et al 2012) Dessa forma, não se pode afirmar que a ação da educadora de fato suscitou nos estudantes o sentimento de pertencimento¹⁴ em relação à sua cidade, no entanto, configura-se como uma iniciativa que pretende “abrir os olhos” dos alunos como moradores e sujeitos de um mesmo espaço, mesmo compartilhado com turistas. Ademais, Bonfim (2010,

14 “A priori, esse conceito – pertencimento – pode nos remeter a, pelo menos, duas possibilidades: uma vinculada ao sentimento por um espaço territorial, ligada, portanto, a uma realidade política étnica, social e econômica, também conhecida como enraizamento; e outra, compreendida a partir do sentimento de inserção do sujeito sentir-se integrado a um todo maior, numa dimensão não apenas concreta, mas também abstrata e subjetiva.” (ALVES et al, 2012, p.41)

p. 123) sugere como um objetivo do Turismo Pedagógico propor o “despertar” no discente para uma “conscientização de problemas socioculturais e ambientais que vivem muitas comunidades e promover valores construtivos.” Assim, além de proporcionar a educadores e educandos um aprendizado divertido, esta tipologia de turismo ainda permite a reflexão de desafios e conflitos cotidianos.

Contudo, uma das educadoras admite não conseguir visualizar o turismo, isoladamente como uma ferramenta. Para ela, toda vez que se pretende trabalhar o turismo na escola ele deve estar atrelado a outras áreas. Ela ainda pondera que por não serem profissionais do turismo, não teriam tanta desenvoltura para trabalhar com este tema dentro de suas escolas sem que este estivesse relacionado à suas respectivas disciplinas.

“Não sei se a gente teria, se a gente conseguiria só visitar um lugar e passar alguma coisa para os alunos, entendeu? Igual, por exemplo, eu consigo ver o turismo se tiver associado a minha área, por que aí eu consigo transferir para minha área. Eu não consigo ver o turismo assim, somente.” (E3, informação verbal, grifo nosso)

“É o caminho. Isso! Exatamente. A partir do turismo, aí eu consigo fazer essa junção. Entendeu?” (E3, informação verbal, grifo nosso)

Pelos trechos da entrevista supradestacados vê-se que a educadora, apesar de ter afirmado anteriormente que o turismo é uma ferramenta pedagógica, pondera, ao prosseguir seu depoimento que não sabe dizer se realmente o é. O que se pode identificar é que esta não atribui a um momento de lazer a possibilidade de produzir conhecimento, pelo menos o tipo de conhecimento que a escola visa. Contudo, “O Turismo Pedagógico é assim chamado, devido a sua característica peculiar de ocorrer no período letivo e não no período de férias como em outros segmentos convencionais.” (BONFIM, 2010, p. 123). Neste sentido, embora tenha-se caráter de lazer e seja mais espontânea e descontraída, esta tipologia não deixa de favorecer a produção do saber. E nos trechos seguintes, vê-se que as docentes possuem essa concepção.

“Eu acho que as escolas devem investir mais no turismo, [...]” (E2, informação verbal)

“Eu acho que é muito... tem um valor imenso o Turismo Pedagógico.” (E2, informação verbal)

Destaca-se, dessa forma, que ainda em dias e escolas atuais a dicotomia Educação Tradicional/Nova Educação permanece. No movimento de sobrepor a educação conservadora, algumas características permaneceram. As formas de avaliar o desempenho dos alunos, já destacado no depoimento da educadora E1, refletem métodos de uma educação voltada para questões de assimilação e repetição de conteúdos,

ademais, os ambientes escolares são compartimentados assim como as disciplinas, o que dificulta, de certa forma, a dialogicidade necessária e carente nas escolas.

Desse modo, é possível perceber que há certa resistência. Há uma desconexão com o que se fala e a forma com a qual se age. Freire (1985) já apontava para o imperativo de se “diminuir a distância entre o discurso e a prática.” (FREIRE, 1985, p. 1) É preciso ser “coerente entre o que se faz e o que se diz”. Para o autor esta é uma virtude do educador, virtude esta que implica “Libertação”.

Neste contexto, percebe-se que as educadoras admitem o turismo como uma ferramenta que serve à educação, ao se objetivar a transformação de práticas já desgastadas e fora de contexto. Ainda que uma das entrevistadas o perceba como um caminho e não uma prática em si.

Contudo, por mais que se considere algo bom e inovador, a escola, os pais, o governo, coordenações e direções escolares, professores, esperam uma forma de educação enraizada em métodos mais conservadores, pois a sociedade ainda é muito focada com o alcance de resultados, médias e notas. A importância do que se aprende, de fato, permanece em segundo plano.

Frente à defasagem dos métodos, já apontada por Bonfim (2010), o turismo se configura como um instrumento que permite a ressignificação das práticas educativas.

Nesses termos, se apresenta como uma possibilidade de tornar o conhecimento pertinente, contextualizado e real. A viagem é o elemento motivador para dar encanto à educação. No turismo pedagógico, os diversos saberes e realidades são articulados como necessidade de reconhecer e conhecer os problemas do mundo, em um ambiente de sentidos e significados. (ALVES *et al*, 2012, p.75)

O ensino por meio de experiências e vivências de práticas que estão no cotidiano dos alunos contribui para que o aprendizado se dê de forma mais participativa, e permite refletir sobre questões que extrapolam conteúdos escolares, numa formação cidadã. “Entende-se, portanto, que alguns elementos advindos do turismo possam contribuir de forma que as atividades sejam capazes de proporcionar o almejado aprendizado interativo, experimentado e significativo.” (ALVES e RODRIGUES, 2012, p. 5)

Assim, o turismo, uma vez inserido no contexto escolar, configura-se como uma possibilidade de atribuir às atividades características inexistentes ou em falta na educação atual. A escola contemporânea precisa se reinventar e se desafiar. Sugere-se então que o turismo seja um desses desafios, na tentativa de ressignificar a escola frente à comunidade escolar. Admite-se, assim, o turismo como um desafio menor, que pode auxiliar no trato com demais problemas que afligem ainda mais as instituições de ensino.

5. Considerações Finais

Frente aos desafios e dilemas contemporâneos impostos às escolas e aos educadores, é preciso levar aos ambientes educativos condições que favoreçam uma educação mais significativa, permitindo a alunos e professores uma ação reflexiva em relação às situações cotidianas. Assim, a atualização e reformulação das atuais metodologias utilizadas são um imperativo para a ressignificação da instituição de ensino e da figura do educador para a comunidade escolar.

Neste sentido, o Turismo Pedagógico se apresenta como uma possibilidade de transformação para as relações estabelecidas no espaço educacional. Transversalmente esta tipologia turística dá forma a ações e atividades que possibilitam a inserção de docentes e discentes em espaços formais e não formais na busca por produzirem conhecimento, num movimento de “aprender a aprender” ao passo que se aprende por meio da convivência com o outro e com o meio. Assim, vêem-se no turismo, uma vez inserido no cenário escolar, formas de dinamizar e sistematizar os conteúdos básicos que precisam ser alcançados, trabalhando-os em outros espaços e sob princípios tais como vivência, diversão e experimentação num contexto crítico-colaborativo.

Ademais, acredita-se que o projeto, ao trazer como recursos, metodologias e ferramentas, elementos próprios do turismo que permeiam o ambiente cotidiano das educadoras, permitiu despertar para uma ação “empreendedora” frente à educação, uma vez que se trabalha com o que se tem no entorno, buscando apenas ressignificar tais elementos para uso na prática pedagógica.

Referências

ALVES, Kerley dos Santos et al. O turismo pedagógico na escola: agenciamentos e conexões / colaboração: Gilson Nunes, Alessandra Almeida, Alice Silva, Eliane Silva, Emanuelle Rodrigues, Marcella Reis, Waléria Niquini – Ouro Preto: UFOP, 2012. 128p.: il.

_____, Kerley dos Santos e RODRIGUES, Emanuelle. Turismo pedagógico na escola: espaços de ação para o desenvolvimento de uma prática educativa integradora. 2012

BENI, Mário Carlos. Análise Estrutural do Turismo. 7. ed. São Paulo: SENAC, 2002.

BELLO, José Luiz de Paiva. Educação no Brasil: a História das rupturas. Pedagogia em Foco, Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb14.htm>>. Acesso em 20 jun. 2013.

BONFIM, M. V. de S.. POR UMA PEDAGOGIA DIFERENCIADA: Uma reflexão acerca do turismo pedagógico como prática educativa. Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica, v. 12, nº 1: 114 – 129, jan/abr. 2010.

BRUSADIN, Benedini Leandro. Patrimônio, Educação e Lazer: um caminho pelo turismo pedagógico. In: O turismo pedagógico na escola: agenciamentos e conexões. Kerley dos Santos Alves / colaboração: Gilson Nunes, Alessandra Almeida, Alice Silva, Eliane Silva, Emanuelle Rodrigues, Marcella Reis, Waaléria Niquini – Ouro Preto: UFOP, 2012. 128p.: il.

CARVALHO, Renata C. O. de; VIEIRA, Salete e VIANA, Moises dos S.. Visitas Técnicas: Ensino Aprendizagem no Curso de Turismo. In: IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 2012. Trabalhos. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo, 2012. 12p. Disponível a partir de <www.anptur.org.br/ocs/index.php/seminario/2012/paper/.../1051/687> Acesso em 02 de Out. 2014.

CRUZ, Maria Waleska. A pesquisa em sala de aula – interlocução entre teoria e prática: uma crítica na trama necessária. In: Aprender e ensinar: diferentes olhares e práticas [recurso eletrônico] / organizadoras Maria Beatriz Jacques Ramos, Elaine Turk Faria. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: PUCRS, 2011. 299 p. Disponível a partir do <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Pdf/978-85-397-0076-9.pdf>> Acesso em 19 Jun. 2013.

FABRIS, Elí T. Henn. Escola Contemporânea Um Espaço de Convivência?. Disponível a partir do <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT13-3044--Int.pdf>> Acesso em 04 de Jul. 2013.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança um reencontro com a pedagogia do oprimido. Antologia. S.d..(1) Disponível a partir de <<http://acervo.paulofreire.org/xmlui/handle/7891/1210#page/1/mode/1up>> Acesso em 29 de Jun. 2013

_____, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Antologia. S.d.. (2)

_____, Paulo. As virtudes do educador. In: Reunião Preparatória da III Assembleia Mundial de Educação de Adultos, 3., 1985. [Pronunciamento verbal]. Conselho de Educação de Adultos da América Latina. 21 de junho de 1985.

_____, Paulo. “Por uma escola séria e alegre”: Depoimento [30 Maio 1989]. Revista Nova Escola. Entrevista concedida a José Lauiz Frare e Hamilton de Souza. Disponível a partir de <acervopaulofreire.org> acesso em 01 Ago 2013.

GADOTTI, Moacir. Um legado de esperança. São Paulo. Cortez, 2001. Coleção Questões da Nossa Época, v. 91. 110 p.. Disponível a partir de <acervopaulofreire.org> acesso em 10 Ago 2013.

_____, Moacir. A questão da educação formal/não-formal. In: INSTITUT INTERNATIONAL DES DROITS DE L'ENFANT (IDE) Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Sion: Suíça. Outubro, 2005. Disponível a partir do < http://www.virtual.ufc.br/solar/aula_link/llpt/A_a_H/estrutura_politica_gestao_organizacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf> Acesso em jun. 2012.

_____, Moacir. A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar. São Paulo. 1ª edição. Publisher Brasil. 2007. 111p. Disponível a partir de <acervopaulo-freire.org> acesso em 01 Ago 2013.

GASPAR, Alberto. A educação formal e a educação informal em ciências. Ciência e Público. s.d. Disponível a partir do <files.petlicenciaturas.webnode.com.br/> Acesso em Jun. 2012.

ITO, Claudemira Azevedo; CASTRO, Luan Ferreira e SILVA, Nívea Damaceno Noel. Turismo Pedagógico: Conceitos e Aplicação. In: XIII Encuentro Internacional Humboldt, 13., 2011. Dourados, MS, Brasil - 26 a 30 de setembro de 2011. Disponível a partir de <<http://br.groups.yahoo.com/group/AGBDF/message/1835>> acesso em 17 Jul 2013

KRIPPENDORF, Jost. Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Tradução: Contexto Traduções. 2 ed. São Paulo: Editora Aleph. 2001. 183 p.

LEÃO, Denise Maria Maciel. Paradigmas contemporâneos de educação: escola tradicional e escola construtivista. Cadernos de Pesquisa nº 107, p. 187-206, jul. 1999. 20p. Disponível a partir do <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a08.pdf>> Acesso em 04 de Jul. 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. As teorias pedagógicas modernas resignificadas pelo debate contemporâneo na educação. In: Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade. São Paulo: Alínea, 2005. Organizado pelo autor em colaboração com Akiko Santos. Disponível a partir do <http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/martim/profes_form/teoria_debatecontempo.pdf> Acesso em 04 de Jul de 2013.

LINHARES, Luciano Lempek. PAULO FREIRE: POR UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA E HUMANISTA. S.d. Disponível a partir de <http://www.geledes.org.br/component/rsfiles/view?path=Paulo_Freire/Paulo_Freire_por_uma_educacao_libertadora_e_humanista.pdf> acesso em 20 Jun 2013.

MISSIO, Luciani; CUNHA, Jorge Luiz da. UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO MODERNA NO SÉCULO XXI. In: II Seminário Nacional de Filosofia da Educação, 2., 2006. Trabalhos. Rio Grande do Sul: Universidade Federal de Santa Maria. Rio Grande do Sul, 2006. 11p. Disponível a partir do <<http://www.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/056e4.pdf>> Acesso em 04 de julho de 2013.

NASCIMENTO, Antônio Dias (Org.); HETKOWSKI, Tânia Maria (Org.) Educação e contemporaneidade : pesquisas científicas e tecnológicas. Salvador : EDUFBA, 2009.

PAIM, E. R.; FRIGÉRIO, N. A.. O Desafio de Trabalhar a Diversidade Cultural na Escola. UNIVEN Faculdades Integradas. Empresa Capixaba de Ensino, Pesquisa e Extensão S/A SCP. s.d.

RAYKIL, Eladyr Boaventura; RAYKIL, Cristiano. Turismo Pedagógico: Uma Interface Diferencial No Processo Ensino Aprendizagem. Global Tourism Revista. Turismo & Cultura 2004. Disponível em <<http://www.periodicodeturismo.com.br/site/artigo/viewArtigo.php?codigo=40&titulo=TURISMO%20PEDAG%20GICO:%20UMA%20INTERFACE%20DIFERENCIAL%20NO%20PROCESSO%20ENSINO%20APRENDIZAGEM>> Acessado em 08/04/2012 às 20:15.

RODRIGUES, Emanuelle. O turismo como possibilidade pedagógica sob a ótica dos educadores da escola pública – a percepção das professoras do projeto turismo pedagógico. 2013. 128f. Monografia (Bacharel em Turismo) Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto – MG.

SCHRAM, Sandra Cristina; CARVALHO, Marco Antonio Batista. O pensar educação em Paulo Freire: Para uma pedagogia de mudanças. Disponível a partir de <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2.pdf>> acesso em 19 Jun 2013

SILVA, Jaqueline Santa Rosa da e SILVA, Samira Gama da. Breve histórico do turismo e uma discussão sobre a atividade no Brasil. Faculdades Integradas de Três Lagoas – AEMS. S. d. Disponível a partir de <<http://www.aems.edu.br/conexao/educacaoanterior/Sumario/2012/downloads/2012/humanas/BREVE%20HIST%20RICO%20DO%20TURISMO%20E%20UMA%20DISCUSS%20SOBRE%20A%20ATIVIDADE%20NO%20BRASIL.pdf>> acesso em 16 de jun. 2014

SOARES, Cláudia Cruz. Heliópolis: práticas educativas na paisagem. 2010. 235 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Temas Ambientais Como “Temas Geradores”: contribuições parágrafo UMA Metodologia educativa ambiental Crítica, transformadora e emancipatória. Educ. rev. , Curitiba, n. 27 jun. de 2006. Disponível a partir do <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602006000100007&lng=en&nrm=iso>. acesso em 19 ago. 2013.<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602006000100007>.

UNESCO. Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. 2002. Disponível a partir do <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>>. Acesso em 30 Jul. 2013.

VINHA et al. O turismo pedagógico e a possibilidade de ampliação de olhares. *Hórus – Revista de Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas*, Nº 03, p. 1-15. Ourinhos, São Paulo, 2005. Disponível a partir de <portaladm.estacio.br/media/3702613/artigo-maria-lucia.pdf> Acesso em 02 Out. 2014.